

Padrão José Pinto faz homenagem a Nossa Senhora da Guia com indumentária e coreografia especiais



Ternos de reis promovem espetáculo na Lapinha

Perla Ribeiro

Foto de Eduardo Vellozo



CURIOSIDADES

■ Até a década de 85, o Dia de Reis era feriado. Entretanto, um decreto do então presidente Humberto Castello Branco, desistiu o feriado. Na opinião dos frequentadores, a medida acabou diminuindo a animação dos festejos e o tamanho do seu público.

■ No passado, o termo de reis, era festejado entre 23 de dezembro e 6 de janeiro. No período, eram realizadas festas para as novatas em homenagem ao nascimento do Menino Jesus. A apresentação está dividida em três partes: chegada dos três reis magos, andrôlo e despedida.

■ O termo de reis, é um auto popular nativo, de origem portuguesa, que evoca a visita dos três reis magos ao Menino Jesus. Na ocasião, são realizadas apresentações de danças dramáticas com o tema de reis, o rancho e também o burlesco-mau-bol no Norte do país. A folia de reis também é um ramo do fim do ciclo natalino, data em que as famílias retiram da sua casa toda a decoração que faz alusão aos festejos.

■ No passado, durante o termo de reis, as foliões faziam corridas em casas previamente escolhidas, para comidas, em troca de comidas e bebidas. As bandeiras de reis, como também são chamadas as folias, têm versos próprios para pedir, agradecer e despedir-se dos moradores.

Decididamente, paradeiro, padre Pinto, pároco da Lapinha, foi uma atração à parte

os ternos já estavam inscritos para a festa, ele que chega à paróquia da Lapinha, no início da tarde de ontem, mais um para se juntar aos outros nove inscritos, o Alegrino de Viver, do Paróquia São Cosme e São Damião. No momento, pertinho dali, no Centro Comunitário São Francisco da Lapinha, os 242 integrantes do Eternu Juventude começavam a se preparar para o desfile. Diferente da maioria, que prima pela juventude, ali o espaço é restrito à terceira idade. Aos 86 anos é cheia de ener-

gia, só nos últimos anos dona Valdeci Alves Dias pôde se permitir declinar em um tempo de a ir.

"Aos 23 anos, minha filha, eu já estava viva e com quatro filhos para criar. Agora, com todo o mundo adulto, estou tendo o direito de viver", disse. A euforia era tanta em participar do desfile que sequer ela sabia de que estava caracterizada. "Questionada pela reportagem, ela culca uma amiga para obter a informação e volta, sorridente, dizendo: "E de pastorinha".

integrante do mesmo termo, dona Ondina Quaresma Lopes vive situação parecida. Duriu toda a moldada, por mais que apreciasse os desfiles dos ternos e aspirasse a um dia vestir uma roupa de cigana, espanhola, baiana ou porto-bandeira, só realizou o sonho há seis anos. "Só isso é que estou participando, antes não tinha oportunidade. Me sinto tão bem por ter saído e estar aqui, enquanto tiver condições não quero mais nenhum", disse e guarda de honra do porta estandarte.

Barracas integram cenário profano

Antes mesmo do pôr-do-sol, as barracas já recebiam os primeiros clientes. Gente de todo o canto da cidade, que saiu de casa para assistir ao desfile dos ternos da noite. De olho na movimentação, a proprietária de Barraca Filha da Índia, que trabalha há 28 anos em festas de largo, critica a expectativa. "A Boa Vigem foi um fracasso. Estou na esperança de que hoje [ontem] seja melhor", disse. A festa tem um público que vai em busca do todo profano atual, mas os primeiros a chegar são aqueles que vão pela devoção ao desfile que tem uma beleza plástica indelével.

Moradora do Seim, na Liberdade, a dona de casa Maria de Lourdes de Moura, 67 anos, saiu de casa cedo para não perder nada. "Está bem animado. Sempre que posso compareço ao desfile, que é uma coisa bonita de ver. E tudo abençoado por Deus", disse. Além dos que contemplam os festejos há décadas, havia também os que foram conferir o espetáculo religioso pela primeira vez. Este foi o caso da algarina Antônia Maria de Conceição, 79 anos, que foi acompanhada da filha, Marlene Moraes, 58 anos. Embora acostumadas a frequentar a missa, elas contaram que ontem pela primeira vez ficaram perto dos festejos. "Eu passei as

festas do final de ano todas doente, com artrose, dor de coluna, osteoporose, mas hoje [ontem] eu disse: "Em nome de Jesus, eu vou" e graças a ele estou aqui", disse dona Maria Antônia.

Do palanque, o prefeito João Henrique Clemeiro, que é evangélico, acompanhou os festejos. Depois da polêmica por conta do atraso da prefeitura na implantação de parte da infra-estrutura para a realização do desfile, o prefeito anunciou que, a partir daquele momento, a festa dos ternos de reis será incluída na mesma data que será levantada para o Natal e Revelion. "A celebração da festa dos ternos de reis é uma forma de

preservar os marcos culturais e históricos que revelam nossa tradição, nossos valores, nossas raízes, a nossa identidade", afirmou.

A prefeitura é responsável por toda a infra-estrutura do evento, incluindo iluminação, sonorização, sanitários, quiosques, limpeza da área, transporte dos ternos. As agrimações existentes hoje são: Alegria de Viver (Liberdade), Anunciação (Lapinha), Autos (Massaranga), Cigarrinha (Alto de Couros), Estrela do Oriente (Liberdade), Eternu Juventude (Peloourinho), Luz (Largo dos Paranhos), Recordar de Viver (Calça d'Água), Rosa Menina (Penumbura) e Terna (Engenho Velho de Brotas).

PERFIL

SILVANO FRANCISCO DO NASCIMENTO

Apassionado pela tradição

Quando ouviu do médico que teria que amputar a perna direita, seu Silvano Francisco do Nascimento só pensava em como poderia manter a função de comandante do termo Rosa Menina. A operação ocorreu e outubro e, ainda em recuperação, em janeiro de 1997, lá estava ele do cadeira de rodas com seu agito puxando o termo de reis. No ano seguinte, fratura e cadeira de rodas por um parto mulete: mas jamais pensou em abandonar o barco. Vestido de branco dos pés à cabeça, como um comandante, até hoje é ele quem dá as coordenadas durante o desfile.



passando pela rua, que o pequeno Silvano Francisco do Nascimento levantava do cama e saía acordado dos pais para ver os ternos de reis passaram pela Cruz da Piedadeção. A oportunidade de ter o seu próprio termo surgiu em 1943, quando ele deu os primeiros passos para criação do Rosa Menina, que só se oficializou dois anos depois.

Aos 60 anos, diz que ora e continua sendo fanático por termos. "Desde menino que eu pensava, quando crescer queria vir governar um termo", lembra. Bastava ouvir o som dos músicos